

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO JORNALISMO  
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2º SEMESTRE/1990

AUDIVISUAL COM DIAPOSITIVO SOBRE O  
PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS  
DA TRIBO MAURÁ NO ALTO XINGU-MS

ALUNOS: LUIZ PHILIPPE SCHMIDT DE ARRUDA - MAT. 8718321-8  
MÁRCIA VALÉRIA TELLES CARVALHO - MAT. 8718324-2

Jornalismo, sua Orientação  
por Cesar Valente.

Florianópolis, 1990

LUIZ PHILIPPE SCHMIDT DE ARRUDA

MÁRCIA VALÉRIA TELLES CARVALHO

AUDIOVISUAL COM DIAPOSITIVO SOBRE O  
PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS  
DA TRIBO WAURÁ NO ALTO XINGU-MT

AUDIOVISUAL COM DIAPOSITIVO SOBRE O  
PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

DA TRIBO WAURÁ Realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Departamento de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, sob a Orientação do professor Cesar Valente.

Florianópolis, 1990

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO ..... 01

2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA ..... 02

3. JUSTIFICATIVA ..... 03

4. OBJETIVO GERAL ..... 04

5. OBJETIVO ESPECÍFICO ..... 05

6. METODOLOGIA ..... 06

7. REFERÊNCIAS ..... 07

AUDIOVISUAL COM DIAPOSITIVO SOBRE O  
PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS  
DA TRIBO WAURÁ NO ALTO XINGU-MT

L. APRESENTAÇÃO

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	04
2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA .....	06
3. JUSTIFICATIVA .....	09
4. OBJETIVO GERAL .....	11
5. OBJETIVO ESPECÍFICO .....	12
6. CRONOGRAMA .....	13
7. ORÇAMENTO .....	14
8. METODOLOGIA .....	15
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	16

## 1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho objetiva desmistificar uma visão genérica de índios transmitida pelos textos didáticos e meios de comunicação. Para isso, será produzido um audiovisual sobre o processo educativo das crianças na tribo Waurá — localizada no Alto Xingu - MT — e conseqüente veiculação do material nas escolas de 1º e 2º graus das redes estadual e municipal de ensino do Estado de Santa Catarina e no Museu de Antropologia da Universidade Federal (UFSC).

Durante muito tempo o índio foi visto como algo do passado, ficando ou na galeria dos "homens ilustres" (aqueles que colaboravam com os portugueses) ou na categoria dos selvagens e antropófagos, os chamados "índios brabos", conceito até hoje encontrado nos livros didáticos e em muitos lugares do Brasil. De outro lado, encontramos o inofensivo índio folclórico, cujas festas e tradições foram corrompidas e profanadas pelo indigenismo oficial e também pelos missionários que destruíram o que de mais autêntico havia sobrado — a alma desses povos.

Para o educador, este trabalho vem trazer o conhecimento dos fenômenos educacionais nas culturas que se tem rotulado de primitivas, preenchendo assim, uma lacuna existente sobre o assunto na literatura científica, relativa aos índios brasileiros. Nas várias obras sobre cultura indígena, os autores se limitam a observações evasivas sobre o tema, salvo algumas notas valiosas, que fo-

ram, por assim dizer, as responsáveis pela idealização do projeto.

Para a criança, um audiovisual sobre o processo educativo numa tribo do Xingu, vem desmistificar uma visão genérica de índios já adquirida no decorrer dos anos acadêmicos, trazendo assim, o conhecimento de novas realidades, mais verdadeiras e mais autênticas a respeito do índio brasileiro.

Este trabalho será apresentado — além das escolas de 1º e 2º graus do Estado de Santa Catarina — no Museu de Antropologia da universidade, nos cursos de Jornalismo, Pedagogia, Ciências Sociais e Pós-Graduação de Antropologia da UFSC e Secretaria de Educação do Estado.

## 2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O Parque Nacional do Xingu constitui uma reserva federal, criada pelo Governo Brasileiro em 1961 e aumentada na sua dimensão em 1968. Sua área atual de aproximadamente trinta mil quilômetros quadrados (30.000 km<sup>2</sup>) está situada ao norte do Estado do Mato Grosso, numa zona de transição florística entre o Planalto Central e a Amazônia. A Região, toda ela plana, onde predominam as matas altas entremeadas de cerrados e campos, é cortada pelos formadores do rio Xingu e pelos seus primeiros afluentes da direita e da esquerda. Os cursos formadores são os rios Kuluene, Ronuro e Batoví. Os afluentes, os rios Suiá-Missú, Maratsauá-Missú, Uaiá-Missú, Auaiá-Missu e Jarina.

O Governo Brasileiro ao criar o Parque Nacional do Xingu, teve em mira dois importantes objetivos: constituir uma reserva natural onde a fauna e a flora intocadas guardassem, para o Brasil futuro, um testemunho do Brasil do descobrimento e, sobretudo, fazer chegar diretamente às tribos indígenas da região a sua ação protetora, prestando-lhes assistência e defendendo-as de contatos prematuros e nocivos com as frentes de ocupação da sociedade nacional.

No Parque do Xingu vivem 16 nações: kamaiurá, kalapalo, kuikuro, mehinaco, waurá, matipu, nahukwá, txikao, trumai, aweti,

iawalapiti, cajabi, juruna, suiá, txukarramãe e kren-akoro. Ao to do umas três mil pessoas.

Falam-se no Xingu línguas pertencentes a quatro dos grandes troncos de línguas indígenas conhecidas no Brasil: tupi, aruak, karib e jê.

Nessa área a Fundação Nacional do Índio mantém cinco postos: Leonardo, à beira do Rio Tuatuari, afluente do Kuluene, no Alto Xingu; Diauarum, à beira do Rio Xingu, mais ao norte; Kretire, também à beira do Xingu, junto à aldeia txukarramãe; Vigilância, no ponto em que a rodovia BR-80 corta o Parque; e Jarina, bem ao norte.

Por terra, o único acesso ao Parque é pela BR-80. No lugar em que ela se encontra com o Rio Xingu, a travessia é feita por uma balsa. De avião, pode-se aterrissar em pequenas pistas de terra nos postos Leonardo, Kretire, Diauarum e Vigilância. Por água, são vários os acessos.

Especificamente a tribo Waurá — onde será realizado o trabalho — é uma das mais depositárias das tradições. São os índios mais preservados do Xingu. Sua população de aproximadamente 200 habitantes é bem diversificada com um número considerável de crianças e adolescentes.

Essa tribo é muito conhecida no Parque e goza de grande prestígio entre as comunidades pela habilidade com a cerâmica. As imensas panelas decoradas e vasos zoomorfos são trocados por obje

tos de outras culturas, como por exemplo, os arcos e óleos de pe-  
quim dos Kamayurá e cintos de conchas feitos pelos Kalapalos. A  
aptidão artística dos Waurá atrai sobre as mulheres índias uma co-  
biça maior do que qualquer outra mulher indígena. Sendo atividade  
exclusivamente feminina, as meninas desde cedo se familiarizam com  
a cerâmica, seguindo a tradição da tribo.

O material referente a este grupo indígena, em especial,  
é escasso e a escolha dos Waurá para a realização do projeto sur-  
tiu depois de uma entrevista com o jornalista Washington Novaes —  
autor da série Xingu, da Rede Manchete de Televisão e do Livro  
"Xingu - Uma flecha no coração". Foi justamente o processo edu-  
cativo das crianças que chamou a atenção do jornalista durante as  
gravações no Parque. Segundo Washington, os índios Waurá são um  
povo de fácil relacionamento e de grande tradição cultural.

### 3. JUSTIFICATIVA

Apesar dos trabalhos já publicados por antropólogos e pesquisadores de todo o mundo sobre as nações indígenas existentes no Brasil, nenhum deles abordou questões relativas ao processo de educação das crianças indígenas. Nas publicações pode-se encontrar apenas notas, afora alguns estudos sistemáticos sobre a iniciação dos adolescentes. Nesses estudos, é dado maior destaque aos aspectos propriamente sociais do que aos educacionais.

Um audiovisual referente ao processo de educação numa tribo do Alto Xingu, a ser veiculado em escola das redes estadual e municipal de ensino, vem desmistificar uma noção genérica de índios, repassada através dos textos didáticos e dos meios de comunicação, contribuindo também para o aprofundamento de questões relativas ao processo educativo dos índios. Aos educadores que convivem com os problemas da educação formal e institucionalizada, este trabalho vem enriquecer discussões acerca da realidade e dos conflitos vividos pelas populações indígenas no Brasil, ao mesmo tempo que pretende propiciar o debate em sala de aula sobre questões relativas à realidade indígena e nossa própria realidade.

No museu universitário, o trabalho vai suprir a escassez de material sobre o assunto. A tribo Waurá, especificamente, é destaque no Parque Nacional do Xingu pelo trabalho com a cerâmica.

Segundo alguns autores, são "mãos que modelam a cultura". Sendo assim, a tribo é de grande importância no Parque já que o artesanato é repassado para as mulheres mais novas da tribo e inclusive para as crianças.

Nos cursos de Jornalismo, Pedagogia, Ciências Sociais e Pós-Graduação em Antropologia, o projeto vem fazer uma ponte entre a Universidade e a Sociedade. É o início de uma discussão e de uma conscientização à respeito da figura e dos valores do índio brasileiro, retratado em seu processo educativo.

#### 4. OBJETIVO GERAL

Elaboração de um audiovisual sobre o processo de educação das crianças da tribo Waurá no Alto Xingu - MT. O trabalho será apresentado nas escolas de 1º e 2º graus das redes estadual e municipal de ensino do Estado de Santa Catarina, com a finalidade de mostrar a cultura indígena e sua conseqüente valorização.

cultura indígena e conseqüente respeito ao índio. Acreditamos que é justamente no período escolar que acontece o momento de inserção, de dispersão para problemas ambientais e humanos. Foi a importância de uma orientação à crianças e jovens brasileiros.

Para o curso de Jornalismo, o projeto vem abrindo caminhos para novos espaços culturais na comunidade. Com trabalhos como este, o curso pode, finalmente, estabelecer uma comunicação com a sociedade dentro e fora da Universidade. Um trabalho de sensibilização de cultura indígena e o início de uma campanha de conscientização que pode sair da própria Universidade.

Partindo deste princípio, esta campanha pode se estender a outros cursos como Pedagogia, Ciências Sociais e Antropologia, além de própria Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, que trazem de maneira definitiva a cultura indígena.

## 5. OBJETIVO ESPECÍFICO

O projeto vem desmistificar uma visão genérica de índios repassada nas escolas brasileiras; propiciar debates em salas de aula sobre a realidade e os conflitos vividos pelas populações indígenas no Brasil, favorecendo o aprofundamento de discussões sobre a nossa própria realidade; trazer conhecimentos na área de cultura indígena e conseqüente respeito ao índio. Acredita-se que é justamente no período escolar que acontece o momento de formação, de dispersão para problemas ambientais e humanos. Daí a importância de uma orientação à crianças e jovens brasileiros.

Para o curso de Jornalismo, o projeto vem abrir caminhos para novos espaços culturais na comunidade. Com trabalhos como este, o curso pode, finalmente, estabelecer uma comunicação com a Sociedade dentro e fora da Universidade. Um trabalho de desmistificação da cultura indígena é o início de uma campanha de conscientização que pode sair da própria Universidade.

Partindo deste princípio, esta campanha pode se estender a outros cursos como Pedagogia, Ciências Sociais e Antropologia, além do próprio Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, que apresenta deficiências nesta área da cultura indígena.

## 6. CRONOGRAMA

- |                             |   |   |
|-----------------------------|---|---|
| 10 de março a 20 de abril   | - | Elaboração do projeto.  |
| 20 de abril a 20 de maio    | - | Apresentação do projeto à FUNAI.  |
| 20 de maio a 30 de junho    | - | Acompanhamento didático e embasamento teórico sobre o assunto.  |
| Mês de julho                | - | Preparativos para ir a campo desenvolver o projeto.   |
| 05 a 25 de agosto           | - | Tempo previsto para passar junto com a tribo Waurá, no Alto Xingu.                                    |
| 01 setembro a 30 de outubro | - | Montagem do Audiovisual.  |
| Mês de novembro             | - | Apresentação do trabalho perante a banca examinadora, e posterior implantação junto a rede de ensino. |

Obs.: Este calendário será devidamente ajustado conforme apresentarem-se as necessidades.

## 7. ORÇAMENTO

	<u>Cr\$</u>
01. Aquisição da bibliografia necessária .....	10.000,00
02. Três passagens aéreas Fpolis/Brasília/Fpolis.....	68.000,00
03. Transporte terrestre Brasília/Parque Xingú/Brasília	14.000,00
04. Combustível para barco — deslocamento Posto da Funai/Tribo Waurá/Posto da Funai .....	5.000,00
05. Equipamento de camping .....	30.000,00
06. Material Fotográfico (filmes, baterias, pilhas, revelação, montagem, etc.) .....	65.000,00
07. Material Fonográfico (fitas, pilhas, etc.) .....	18.000,00
08. Alimentação para 20 dias .....	20.000,00
09. Despesas com translados e hotel .....	25.000,00
10. Doação de material de pesca à tribo Waurá (condição necessária para a realização do audiovisual) .....	60.000,00
11. Extras .....	25.000,00
Subtotal .....	Cr\$ 340.000,00
12. Gravação e mixagem do som no Stúdio 156 (aproximadamente 10 horas) .....	20.000,00
13. Cachê do locutor .....	10.000,00
14. Passagem de Diapositivos para Sistema UMATIC, utilização do Estúdio e Edição Final, na RBS- TV (aprox. 3 horas). .....	9.500,00
Total .....	Cr\$ 379.500,00
Equivalente em BTNF .....	9.256

Obs.: Custo total de execução, montagem e edição do Audiovisual, em dois sistemas distintos: Diapositivo e UMATIC, os quais são matrizes para qualquer outro tipo de utilização.

## 8. METODOLOGIA BIBLIOGRÁFICAS

1. Pesquisa de campo, fotografias, observações, bibliografias referentes ao assunto e formulação final de um audiovisual com Dia positivo sobre o processo educativo das crianças na tribo Waurá, do Alto Xingu - MT.

2. SANTOS, Silvio Soares dos. *Índios paraíso e paraíso índios*. Florianópolis: Ed. de VECI, 1977.

3. VIÉNTURE, Renata Brígida. *Os Manducos e o Alto Xingu*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

4. SCHADIN, Egon. *Educação indígena*. In: *Revista de Estudos Indígenas*, s.l., FUNAI, p. 23, s.d.

5. *Forças Renascentes: a educação indígena sobre a Terra Indígena*. 1. ed., s.l., Ed. CENEC/CEBR, s.d.

6. *Revista Forças Renascentes*, s.l., CENEC, 1984-1985.

7. NOVAES, Washington. *Xingu: Uma Terra no Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

8. SOUZA, Cláudio & Orlando Vilas. *Xingu - os índios, seus ritos*. São Paulo: Ed. Quarta, p. 7, s.d.

9. VIANA, Salim. *Terra dos Índios: Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1977*.

10. *Revista Indígena* (várias edições).

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MARTINS, Edilson. Nossos índios nossos mortos. 3.ed., Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
2. RIBEIRO, Berta G. Diário do Xingu. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
3. SANTOS, Silvio Coelho dos. O índio perante o direito: ensaios. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1982.
4. VIERTLER, Renate Brigitte. Os kamayurá e o Alto Xingu. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
5. SCHADIN, Egon. Educação indígena. In.: revista da atualidade indígena. s.l., FUNAJ, n.23, s.d.
6. Povos Renascidos: subsídios didáticos sobre a Questão Indígena. 2.ed., s.l.: Ed. CIMI / CNBB? série b, v.1.
7. Revistas Povos Indígenas no Brasil. s.l.: CEDI, 1984-1986.
8. NOVAES, Washington. Xingu - uma flecha no coração. s.l.: Ed. Brasiliense, s.d.
9. BOAS, Cláudio & Orlando Villas. Xingu - os índios, seus mitos. s.l.: Ed. Kuarup, 7.ed.
10. VIANA, Zelito. Terra dos índios. Rio de Janeiro: Embrafilme / BPP/DONAC, 1979.
11. Revista Interior (várias Edições).